

personalidade

No Largo Luís de Camões

Drogaria Azul vende mais de 12 mil produtos



Leonardo José da Silva é o conhecido rosto da Casa Bacharel/Drogaria Azul que foi fundada em 1896 e é o mais antigo estabelecimento comercial de Évora.

Nunca a expressão “tem tudo como na farmácia” fez tanto sentido. A Drogaria Azul, que se confunde com a Casa Bacharel (1896), que por sua vez se confunde com a Drogaria Azul, é o estabelecimento comercial aberto ao público mais antigo de Évora caracterizando-se por ter mais de 25 mil referências e cerca de 12 mil produtos à venda.

“Essa é a chave do nosso sucesso. Ao longo destes anos todos temos procurado satisfazer os nossos clientes, mesmo os mais exigentes, conseguindo reunir no nosso armazém milhares de produtos e de referências”, revela Leonardo José da Silva, o atual proprietário.

“Se na farmácia não há um medicamento o cliente tem de voltar lá 24 horas depois, aqui, com o objetivo de sermos uma referência, conseguimos satisfazer quase todos os pedidos. Aliás, há colegas nossos que dizem mesmo aos clientes: - olhe vá à Drogaria Azul que eles têm”, remata este comerciante do Largo Luís de Camões sem, no entanto, ter a humildade suficiente, e num tom mais sério, dizer “não posso garantir que tenho tudo, que isso é impossível mas procuramos estar atualizados”.



A comumente denominada Drogaria Azul iniciou a sua atividade em 1896 sob a designação de Casa Bacharel, sociedade por quotas, com o capital inicial de 8 contos de réis. Tem atualmente 123 anos de existência e o seu proprietário iniciou essas funções a 1 de janeiro de 1984 depois de 27 anos como funcionário a mando de Cid da Silva, que tomou conta dos destinos deste estabelecimento comercial em 1948.

Segundo os anais da história, por volta de 1938 a Casa Bacharel já era mais conhecida por “Drogaria Azul”, atendendo ao facto de ser essa a sua cor nas ombreiras, nas portas, paredes exteriores e rodapés. Esta característica tem perdurado ao longo dos anos pese embora agora com uma ocupação cromática mais reduzida e consentânea com o perfil do centro histórico.

Em 1990 a Câmara emitiu uma postura na qual avisava que as lojas, nas suas portas e rodapés, só poderiam estar pintadas de amarelo-torrado ou de cinzento. Leonardo da Silva solicitou à edilidade autorização para continuar de azul, dada que essa era a sua tonalidade emblemática e servia de referência a toda a população.

O município deferiu o pedido, atendendo à longevidade. De resto a Casa Bacharel/Drogaria Azul continua a vender praticamente o mesmo que antes, apenas com ligeiras alterações, ditadas pela evolução dos tempos. E o maior anseio de Leonardo da Silva é, agora, que o tempo começa a deixar visíveis os sinais da sua passagem, que os filhos prossigam o negócio. “Felizmente já tenho o meu filho a trabalhar comigo e se, por algum infortúnio, a minha filha precisasse de vir para aqui eu já tinha passado totalmente o testemunho. Quando o fizer não deixarei de incluir no meu dia-a-dia de reformado uma passagem diária pela loja. Não abdicarei de passar por cá uma manhã ou tarde para cumprimentar os clientes”, diz.

A Drogaria Azul/Casa Bacharel tem conseguido ultrapassar, ao longo destes mais de cem anos de existência, com maior ou menor dificuldade, diversas circunstâncias económicas e sociais. O advento dos supermercados e, posteriormente, dos centros comerciais causou algum pânico a Leonardo José da Silva mas a experiência acumulada permitiu contornar os aspetos negativos desta nova realidade comercial. Como?



“Simples. Tive de me adaptar às circunstâncias. Aqueles produtos em que realmente as grandes superfícies nos fazem concorrência eu deixei de os vender. Virei-me totalmente para as miudezas e, acima de tudo, para produtos nacionais que não existem nesses supermercados”.

Quanto às pessoas que visitam a Drogaria Azul/Casa Bacharel Leonardo José da Silva revela que a sua proveniência é de “todo o lado da cidade. Se fossem só moradores do Centro Histórico a nossa sobrevivência estaria ameaçada há muito. A verdade é que tenho clientes assíduos que moram nos bairros e até fora da cidade e, por outro lado, já começámos a vender a turistas”, refere ainda.

Nesta conversa, minutos antes de abrir a porta ao público, sempre às 09h00 em ponto, e depois de encostar uma escada à arcada em frente à porta – outra das imagens de marca deste espaço comercial – o atual proprietário da Drogaria Azul, estabelecimento que “faz parte da família, revela que gostaria de poder criar na sua loja um pequeno espaço museológico onde pudesse contar, para além da história da loja, um pouco também, da história da cidade e do Largo Luís de Camões, outrora local de grande efervescência comercial.